

A origem do uso de ll e ñ para representar os fonemas |ʎ| e |ɲ|

José Ramom Flores d'as Seixas

22 de Outubro de 2006

1 Introdução

Quando na baixa idade média começam a se escrever os primeiros textos em romance, os seus autores seguem a única tradição ortográfica que conhecem: a latina. Mas esta tradição não fornecia todas as soluções necessárias para escrever as novas línguas. Assim no caminho do latim ao romance apareceram fonemas que eram desconhecidos no latim, e cuja representação não era evidente, não sendo pois estranho que se utilizassem várias representações para cada um desses fonemas. Este fenómeno apresentou-se por toda parte na romanidade, e tiveram que se passar vários séculos até se estabilizarem as ortografias romances.

Para esclarecer isto podemos acudir à [Biblioteca virtual Cervantes](#), que entre muitas outras obras possui à nossa disposição o cantar de gesta castelhano, *Cantar de mio Cid*, datado contra 1235¹. De entre as várias versões que fornecem recomendo a edição paleográfica *El manuscrito del cantar* de Timoteo Riaño Rodríguez e M^a del Carmen Gutiérrez Aja[1]. Já na sua primeira página podemos observar as hesitações do escritor, que para representar o fonema lateral palatal |ʎ| utiliza 3 soluções:

- l em *lorando* (llorando) e *vassalo* (vasallo)
- ll em *alli* e *sellada*
- pl em *plorando* (llorando).

É mais, também utiliza o dígrafo ll para representar |l| em *pielles*.

Tradicionalmente considera-se que o dígrafo ll² (para representar o fonema |ʎ|³) e a letra ñ

¹O manuscrito que se conserva, de aproximadamente 1235, é uma cópia do original de 1207.

²Até o ano 1994 a Real Academia Española considerava o ll como uma letra, mas desde esse ano adoptou a convenção geral noutras línguas e passou a considerá-lo como um dígrafo. Também as normas ILG-RAG adoptaram a mesma postura, e a partir da edição do ano 1995 o ll passou-se a ser considerado um dígrafo.

³Cumpra sinalar que noutras línguas o dígrafo ll representa outros valores fónicos diferentes do |ʎ|, nomeadamente |l|.

(para representar o fonema nasal palatal |ɲ|) som de origem castelhana⁴. Mas nom é raro achar nos foros internéticos galegos quem questione a tese tradicional⁵. Como ainda hoje, há quem se preocupe de agachar os reis enterrados na catedral de Santiago entanto mostram orgulhosamente os enterrados na catedral de Leom⁶, é bem possível ser a tese tradicional sobre a origem de **ll** e **ñ**⁷ umha mistificação⁸. Foi por isso que decidim pesquisar sobre o assunto, para formar-me umha opiniom medianamente informada. Este relatório pretende nom tanto salientar os resultados por mim obtidos, senom oferecer o método utilizado que, na minha opiniom, permite a qualquer um com acceso a internet tirar as suas próprias conclusões.

As **Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego**[7] som ambíguas neste tema⁹, dando a entender sem o afirmar que **ll** e **ñ** se originárom autonomamente na Galiza. E é bem possível que esta seja a causa de se ter espalhado pola Galiza a ideia dumha origem *ibérica* dos grafemas **ll** e **ñ**, havendo mesmo quem defenda umha primazia galega no uso da letra **ñ**. Outro factor que seguramente contribuiu a esta percepçom é a publicação do que pudera ser o primeiro documento original, dos que se conservam, escrito em romance galego, o Foro de Castro Caldelas[8, 9, 10], numha versom regularizada e adaptada¹⁰, mas que umha leitura pouco atenta às notas de rodapé fizo acreditar a alguns que o **ñ** era maciçamente utilizado em galego¹¹ já desde os inícios da sua escrita¹².

⁴Na página 23 da **ORTOGRAFIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA** [2] de la **Real Academia de la Lengua Española**, na sua edição de 1999, que se pode obter no site da dita Academia, aparece a seguinte nota:

OBSERVACIÓN HISTÓRICA. Al tratarse también de un fonema no existente en latín, su representación gráfica es muy poco uniforme en los idiomas que descienden directamente de la lengua de Roma. El catalán eligió *ny*, el francés y el italiano prefirieron *gn* y el portugués se decidió por *nh*. La solución adoptada por nuestra lengua, tras muchas vacilaciones, fue distinta. Aunque antiguamente eligió también un dígrafo, *nn*, pronto se abrevió el compuesto mediante una *n* con una raya encima. Esta raya, la tilde, adquirió después la forma ondulada que conserva en nuestros días. La nueva letra ha sido adoptada por otros idiomas: el gallego, el vascuence, el guaraní, el tagalo, etc.

⁵Vejam-se por exemplo: <http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&p=14292>, e <http://foros.vieiros.com/foros/viewtopic.php?t=224&>

⁶Na referência [3] pode ler-se mais sobre a ocultação por parte da historiografia espanhola da galegitude dos monarcas cristaos que reinárom no noroeste peninsular.

⁷entenda-se: a origem do uso de **ll** e **ñ** para representar os fonemas palatais lateral, |ʎ|, e nasal, |ɲ|. De aqui em adiante para nom fazer o texto longo e repetitivo, abreviarei tal como nesta frase, escrevendo "a origem de **ll** (e/ou **ñ**)" querendo dizer "a origem do uso de **ll** (e/ou **ñ**) para representar o fonema |ʎ| (e/ou |ɲ|)".

⁸É também chamativa a ausência de referências ao galego-português, no que trobou boa parte da Península Ibérica nos séculos XIII e XIV, nas obras que estudam o castelhano antigo, vejamos por exemplo as referências [4, 5, 6], entanto si que falam doutros romances peninsulares como leonês e aragonês, com umha muito menor difusom literária.

⁹Secçom 1.5, que se reproduz no apêndice E.

¹⁰Como faz explícito no documento o transcritor, Henrique Monteagudo.

¹¹O leitor conhecerá seguramente que existem duas leituras de galego (idioma), bem como umha variante da língua conhecida internacionalmente como português, galego = português da Galiza; bem como umha língua independente. Mas esta discrepância nom afecta o mais mínimo a este estudo, interprete portanto o leitor como bem lhe prouver. Ao fim e ao cabo é geralmente aceite que na época na que se começa a escrever o romance galego, sec. XIII, a norte a a sul do Minho falava-se umha única língua, o galego-português.

¹²É possível consultar na rede duas versões do documento, a transcrita por **Henrique Monteagudo** [8] de 2005, e **umha anterior**[9] editada em 1909. Ambas transcrições nom som paleográficas, utilizando as adaptações que

Por sua vez o [Estudo Crítico](#) das ditas normas[11] da [Associação Galega da Língua](#), nega a origem galega¹³ de **ll** e **ñ**, mas a sua argumentação nom é conclusiva.

Na minha opiniom ambas obras oferecem uns poucos exemplos apoiando as suas teses, mas sem um mínimo estudo quantitativo que as reforce. Este artigo procura ser justamente esse (mínimo) estudo quantitativo.

Se bem este trabalho esta redigido em norma da AGAL, em coerência com o assunto que trata de resolver, nom prejudgando qual é a origem do **ll** e do **ñ**: galega, ibérica ou castelhana, utilizarei estes dous grafemas em todos os exemplos, tanto castelhanos como galegos. Com isto procuro ademais diferenciar entre o texto explicativo e o objecto do estudo, i.e. palavras que contém $|\lambda|$ ou $|n|$. Para fazer a diferença ainda mais marcada utilizo o seguinte código de cores:

- Em **magenta** escrevem-se as palavras castelhanas.
- Em **azul celeste** as palavras galegas.
- Em **dourado** os étimos latinos.
- Em **vermelho** letras e dígrafos isolados.

2 Tese tradicional

2.1 Representação do fonema $|\lambda|$ em castelhano

Em castelhano o $|\lambda|$ que aparece em palavras patronímicas pode proceder de vários grupos latinos:

- **ll** + vocal (**caballus** -> **caballo**)
- **pl** + vocal (**plorare** -> **llorar**)
- **li** + vocal (**milia** -> **milla**)
- **l** + vocal (**levare** -> **llevar**)
- etc.

Num princípio os escrivaos medievais utilizavam todos estes grupos para representar o $|\lambda|$, mas também para representar outros fonemas, por exemplo o **ll** podia representar o $|\lambda|$. Dos grupos latinos anteriores o mais freqüente é **ll**, e com o tempo passou a representar o $|\lambda|$ tanto nas palavras nas que no latim havia **ll**, como noutras nas que havia outros grupos, entanto o fonema $|\lambda|$ passou-se a ser representado unicamente pola letra **l**.

os transcritores considerárom oportunas, com critérios claramente diferentes. Assi entanto a primeira respeita o til sobre as vocais mas escreve sempre **ñ**, o segundo escreve **n** ou **ñ**, no que semelha seguir o manuscrito, mas desenvolve as abreviaturas representadas com \sim (veja-se a secçom **C**).

¹³Secçom 1.5 da parte II, que se reproduz parcialmente no apêndice **F**.

2.2 Representaçom do fonema |ɲ| em castelhano

A letra ñ é umha abreviatura do dígrafo **nn**. Já antes de começar a escrever em romance, os escrivas medievais costumavam utilizar diversas abreviaturas[12] que aligeirassem o seu trabalho¹⁴. Entre elas umha muito usada era o braquigrafema ~, que colocado sobre umha letra significava que bem antes bem depois dessa letra tocava escrever umha **n** ou umha **m**. Assi **cōciliū** deve ler-se como **concilium** e **añus** como **annus**.

Em castelhano o |ɲ| que aparece em palavras patronímicas pode proceder de vários grupos latinos:

- **nn** + vocal (**annus** -> **año**)
- **mn** + vocal (**damnum** -> **daño**)
- **ne** + vocal (**aranea** -> **araña**)
- **ni** + vocal (**senior** -> **señor**)
- **ng** + vocal (**cingere** -> **ceñir**)
- **gn** + vocal (**pugnus** -> **puño**)
- etc.

an → *aⁿ* → *āⁿ* → *ã*

on → *oⁿ* → *ōⁿ* → *õ*

nn → *nⁿ* → *ñⁿ* → *ñ*

Dos grupos anteriores o mais característico, devido ao uso da abreviatura é **nn**, ou seja **ñ**, que com o tempo passou-se a representar o |ɲ| em qualquer situaçom. Paralelamente em galego-português o til passou-se a utilizar como sinal diacrítico de nasalidade vocálica.

3 Pesquisando nas origens

A partir dos razoamentos vistos pode-se afirmar que é possível umha origem castelhana de **ll** e **ñ**, mas tais razoamentos nom desbotam:

1. umha origem ibérica, i.e. que os grafemas em questom comesassem a ser utilizados paralela e independentemente e distintas zonas da Península Ibérica, nomeadamente na Galiza e na Castela.
2. umha origem galega, i.e. que os ditos grafemas fossem utilizados inicialmente na Galiza, para posteriormente se propagar o seu uso a Castela.

A maneira mais evidente de pesquisar a origem de **ll** e **ñ** é acudindo aos manuscritos medievais. Mas para fazê-lo bem, cumpriria consultar umha grande quantidade de manuscritos, castelhanos e galegos, e ver onde se originou o costume de grafar com **ll** o som |ʎ| e com **nn** o som |ɲ|¹⁵. Esta nom é desde logo umha forma singela, já que os manuscritos nom estão todos juntos,

¹⁴Dando aos seus escritos umha aparência que nalguns pontos se assemelha à linguagem actualmente utilizada nas mensagens de telemóvel.

¹⁵Realmente para este estudo também seriam de interesse os documentos em latim onde aparecessem antropónimos e topónimos incluindo os ditos fonemas. Nomes como **Miño**, **Baralla**, **Coruña**, **Valladolid**, etc.

nem a disposição de todo o mundo, e ademais a paleografia¹⁶ nom é arte que se aprenda num par de tardes¹⁷. Mesmo aprendendo paleografia, e tendo vagar e dinheiro para estudar nas fontes, haveria que seguir um plano bem desenhado para nom se perder na caótica escrita medieval, tendo em conta que só se podem consultar os manuscritos conservados¹⁸, e tendo também em conta que nom todos os escritórios tinham a mesma influência, assi o âmbito ao que poderiam chegar escritos saídos do cartório dum pequeno convento era por força muito menor do correspondente os saídos dumha Chancelaria Real.

Umha outra maneira, muito mais exequível, e que neste caso dá uns resultados concludentes, consiste em fazer um estudo etimológico das palavras patrimoniais castelhanas e galegas que contenham $|\lambda|$ e $|\eta|$. Verificando se é possível aplicar os razoamentos das secções anteriores ao galego, e em caso positivo realizar um estudo estatístico para averiguar:

1. que percentagem de palavras galegas com $|\lambda|$ derivam de palavras latinas com ll.
2. que percentagem de palavras castelhanas com $|\lambda|$ derivam de palavras latinas com ll.
3. que percentagem de palavras galegas com $|\eta|$ derivam de palavras latinas com nn.
4. que percentagem de palavras castelhanas com $|\eta|$ derivam de palavras latinas com nn.

Se as percentagens som similares poderíamos supor umha origem ibérica, se as percentagens galegas som muito superiores às castelhanas poderíamos supor umha origem galega, e por último se as percentagens castelhanas som muito superiores às galegas suporemos umha origem castelhana.

Este método tem obviamente as suas deficiências que se sinalam na secção 4.

3.1 Metodologia

Para fazer o estudo cumpre duas listas de palavras: umha galega e outra castelhana, e algumha ferramenta que permita conhecer a etimologia das palavras. Por exemplo o dicionário em linha da [Real Academia Española](#)[14]. Outros dicionários em linha que podem ser de ajuda som o [Dicionário Estraviz](#)[15] e o [Dicionário da Língua Portuguesa](#) da Primeram[16]. Para este estudo eu podem consultar o Dicionário eletrônico Houaiss [17], muito recomendável neste caso já que além de fornecer as etimologias, informa sobre a data na qual se registra por primeira vez um termo dado.

Para as listas podemos botar mao dos dicionários¹⁹ para o corrector ortográfico MySpell. Os ditos dicionários nom som mais que listas de palavras raízes, ex.:

¹⁶Paleografia: arte de decifrar e interpretar os escritos antigos.

¹⁷Um pode fazer-se umha ideia das dificuldades consultado directamente o facsimil do [Foro de Castro Caldelas](#), o [manuscrito de Per Abbat](#) de El Cantar de mio Cid, e lendo a referência [12].

¹⁸Mas que um grande número de documentos nom chegou aos nossos dias, sendo muito difícil estimar a sua importância.

¹⁹Realmente nom som verdadeiros dicionários, senom unicamente listas de palavras, sem definições, mas usualmente recebem tal nome.

abacate/p
 abacateiro/p
 abacelar/MXYp
 abacial/p

As etiquetas que aparecem ao final da palavra dam lugar a formas derivadas, ex. paciente/Ip dá lugar a *impaciente*, *pacientes* e *impacientes*, e podemos ignorá-las. Ambos dicionários, [galego](#) e [castelhano](#) podem-se achar livremente na rede. Os dous pacotes contém vários ficheiros, sendo os de interesse os que têm extensom *.dic.

3.2 Os meus resultados

3.2.1 A consoante lateral palatal em castelhano

O número de palavras com $|\lambda|$ é muito elevado, porém

- umha grande parte dessas palavras som derivadas doutras com o mesmo fonema, por exemplo: **abolladura**, **abollar**, **abollón**, **abollonar**, **bollar**, **bolleria**, **bollero**, **bolladura**, **bollo**, **bollón**, **bollonado**, **bolluelo**, etc. procedem todas de **bolla**,
- outra boa parte procedem doutras línguas distintas do latim:
 - ▷ do francês, ex. **botella** (bouteille), **mallá** (maille), **quilla** (quille), etc.
 - ▷ do italiano, ex. **brillar** (brillare), **canalla** (canaglia), **muralla** (muraglia), etc.
 - ▷ do árabe, ex. **bellota** (balluta), **quilla** (gilla), etc.
 - ▷ doutras línguas; **gallardo** do provenzal *galhart*, **farallón** do catalán *faralló*, etc.
 - ▷ ou de origem desconhecido ou controvertido, ex. **bellaco**, **cosquillas**, **marrullero**, etc.
- e outra boa parte formárom-se a partir doutras palavras castelhanas engadindo os sufixos:
 - ▷ **-illa**, ex. **ardilla** (de **arda**), **manzanilla** (de **manzana**), **pandilla** (de **panda**), etc.
 - ▷ **-illo**, ex. **bolsillo** (de **bolso**), **cepillo** (de **cepo**), **tornillo** (de **torno**), etc.

de maneira que o número de palavras procedentes directamente do latim e que nom som derivadas doutras é relativamente reduzido. Assi, partindo da lista de palavras antes dita, e após desbotar as palavras derivadas e as que nom procedem directamente do latim fiquei com umha lista de só 127 palavras, que se pode ver no apêndice **A**.

Desta lista o $|\lambda|$ castelhano procede,

- do **ll** em 95 casos (75%)
- do **pl** em 7 casos
- de **li** em 7 casos
- dos grupos **cl** e **fl** em 5 casos, e
- doutros grupos diferentes nos 13 casos restantes.

Ademais é mester sinalar que os sufixos castelhanos **-illa/-illo** procedem do latim **-ella/-ellus**.

3.2.2 A consoante lateral palatal em galego

Como no caso anterior há no galego muitas palavras com $|\lambda|$, mas também neste caso

- há muitas palavras derivadas doutras que já têm $|\lambda|$, por exemplo de **folla** derivam-se: **desfollado, desfollar, enfollar, follado, follame, follar, follarada, follaxe, follear, folleada, folledo, folleiro, folletin, folletinesco, folletinista, folleto, folliña, folloso, folludo, refollar, ...**
- outra boa parte procedem doutras línguas distintas do latim:
 - ▷ do francês, ex. **artillaria** (artillerie), **culler** (cuillère), **patrulla** (patrouille) etc.
 - ▷ do italiano, ex. **medalla** (medaglia), **pallaso** (pagliaccio), etc.
 - ▷ doutras línguas, **toalla** do provençal *toalha*, **orgullo** do catalám *orgull*, etc.
 - ▷ ou de origem desconhecido ou controvertido, ex. **atallo, carballo, nocello, trangularada**, etc.
- e outra boa parte formárom-se a partir doutras palavras galegas engadindo os sufixos
 - ▷ **-alla**, ex. **antigualla, borralla, xentalla**, etc.
 - ▷ **-allo**, ex. **cabezallo, meigallo, ramallo**, etc.
 - ▷ **-allar**, ex. **abafallar, aparvallar, emporcallar**, etc.²⁰

de maneira que o número de palavras procedentes directamente do latim e que nom som derivadas doutras é relativamente reduzido. Assi, partindo da lista de palavras antes dita, e após desbotar as palavras derivadas e as que nom procedem directamente do latim fiquei com umha lista de só 98 palavras, que se pode ver no apêndice **B**.

Desta lista o $|\lambda|$ galego procede:

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| • do grupo cul em 44 casos | • do grupo le em 4 casos |
| • do grupo gul em 7 casos | • do grupo lle em 2 casos (2%) |
| • do grupo li em 37 casos | • do grupo ll em 1 caso (1%) |
| • do grupo lli em 4 casos (4%) | • doutros grupos em 6 casos |

²⁰Em galego existe umha grande quantidade de verbos formados com o sufixo **-allar**, que engade expressividade fonética de contraste ou às vezes um matiz pejorativo. Sem pretender ser exaustivo, mas para demonstrar o dito incluem-se uns quantos exemplos: **abagallar, abandallar, abascallar, abestallar, abroucallar, abrutallar, acamallar, acamballar, afaramallar, afargallar, afoscallar, amarrallar, amigallar, arruallar, atrapallar, cerrallar, chincallar, descamallar, emborcallar, emporcallar, encruallar, engasgallar, enguizallar, estomballar, serrallar, zafallar, zarapallar, zarrallar, zarzallar**, etc.

Ademais é mester sinalar que os sufixos galegos **-alla/-allo** procedem do latim **-acùla** ou **-alia/-aculu** ou **-aliu**.

3.2.3 A consoante nasal palatal em castelhano

Se bem o número de palavras com $|ɲ|$ é muito elevado, porém

- umha grande parte dessas palavras som derivadas doutras que já têm $|ɲ|$, por exemplo: **cañada, cañamiel, cañamelar, cañamiza, cañarí, cañaveral, cañeria, cañero, caño, cañista, cañón, cañonazo, encañador, encañonar, mediacaña**, etc. procedem todas de **caña**,
- outra boa parte procedem doutras línguas distintas do latim:
 - ▷ do árabe, ex. **alfeñique** (al-fanid), **añagaza** (an-naquaza), **añicos** (an-niquid), **añil** (an-nil), etc.
 - ▷ do francês, ex. **champaña** (champagne), **champiñon** (champignon), **guiñol** (guignol), etc.
 - ▷ do italiano, ex. **bisoño** (bisogno), **cucaña** (cucagna), **lasaña** (lasagna), etc.
 - ▷ doutras línguas; **morriña** do galego **morriña**, **añoranza** do catalám **anyoranza**, etc
 - ▷ ou de origem desconhecido ou controvertido, ex. **bolaño, lampiño, pestaña**, etc.
- e outra boa parte formárom-se a partir doutras palavras castelhanas engadindo os sufixos **-eña/-eño**²¹, que denota bem origem bem relativo a:
 - ▷ **-eña**, ex. **brasileña** (de **Brasil**), **castreña** (de **castro**), **esparteña** (de **esparto**) etc.
 - ▷ **-eño**, ex. **barreño** (de **barro**), **caleño** (de **cal**), **agosteño** (de **agosto**), etc.

de maneira que o número de palavras procedentes directamente do latim e que nom som derivadas doutras é relativamente reduzido. Assi, partindo da lista de palavras antes dita, e após desbotar as palavras derivadas e as que nom procedem directamente do latim fiquei com umha lista de só 89 palavras, que se pode ver no apêndice **C**.

Desta lista o $|ɲ|$ castelhano procede,

- | | |
|-----------------------------------|---|
| • de nn em 17 casos (19 %) | • de ng em 10 casos |
| • de mn em 5 casos (6 %) | • de gn em 12 casos |
| • de ne em 18 casos | • doutros grupos diferentes nos 10 casos restantes. |
| • de ni em 17 casos | |

²¹Nom dei achado de que grupos latinos procedem os sufixos castelhanos **-eña/-eño**.

3.2.4 A consoante nasal palatal em galego

Se bem o número de palavras com |ɲ| é muito elevado, porém

- umha grande parte dessas palavras som derivadas doutras que já têm |ɲ|, por exemplo: *camiñar*, *camiñante*, *camiñador*, *camiñada*, *camiñeiro*, *encamiñar*, *encamiñadora*, *desencamiñar*, *desencamiñada*, etc. procedem todas de *camiño*,
- outra boa parte procedem doutras línguas distintas do latim:
 - ▷ do árabe, ex. *alcuña* (al-kunya), *azeña* (as-saniya), *mesquiño* (miskin), etc.
 - ▷ do francês, ex. *fuiña* (fouine), *liñaxe* (lignage), *rañura* (rainure), etc.
 - ▷ do castelhano, ex. *cariño* (*cariño*), *ceño* (*ceño*) *fazaña* (*fazaña*, cast. antigo), etc.
 - ▷ ou de origem desconhecido ou controvertido, ex. *baña*, *froña*, *gañar*, *miñoca*, *rebaño*, etc.
- e outra boa parte formárom-se a partir doutras palavras galegas engadindo os sufixos *-iña/-iño*, que denota bem origem bem relativo a:
 - ▷ *-iña*, ex. *doniña* (de *dona*), *morriña* (de *morte*), etc.
 - ▷ *-iño*, ex. *alvariño* (de *alvar*), *fouciño* (de *fouce*), etc.

de maneira que o número de palavras procedentes directamente do latim e que nom som derivadas doutras é relativamente reduzido. Assi, partindo da lista de palavras antes dita, e após desbotar as palavras derivadas e as que nom procedem directamente do latim fiquei com umha lista de só 85 palavras, que se pode ver no apêndice **D**.

Desta lista o |ɲ| galego procede,

- de **n** em 28 casos (33 %)
- de **ni** em 18 casos (21 %)
- de **nmi** em 3 casos
- de **ne** em 18 casos
- de **gn** em 12 casos
- doutros grupos diferentes nos 6 casos restantes.

Ademais é mester sinalar que os sufixos galegos *-iño/-iña* procedem do latim *-ino/-ina*.

3.3 Os textos galegos medievais

Antes de tirar conclusões dos resultados anteriores considero saudável dar umha olhada a documentos galegos medievais, para ver quais fôrom as opções empregadas realmente para a transcriçom das consoantes palatais.

De entre os vários livros que reproduzem textos galegos medievais o mais recomendável para esta tarefa é a *História do Galego-Português* de Clarinda de Azevedo Maia[18], já que inclui grande número de documentos notariais medievais, faz umha transcriçom paleográfica,

i.e. respeita a grafia original, e finalmente realiza um estudo extenso e pormenorizado do galego-português, como se reflecte no subtítulo do livro: *Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Assi o texto que se segue consiste basicamente citações desta obra.

3.3.1 Representação da lateral palatal, |ʎ|, nos textos medievais galegos.

- li** Em documentos galegos do século XIII há alguns exemplos da grafia **li**, de influência latina. Aparece sempre em casos etimológicos e pode oferecer também as variantes **lj**, **ly** e **lli**. Eis alguns dos exemplos recolhidos: *Julio, filia, valia, filios, Juljo, Julyo*.
- ll** Outra grafia documentada em textos galegos do século XIII ao século XVI é **ll** de origem castelhano-leonesa, correspondente ao resultado da evolução da geminada latina **ll**: *valla, Comcello, lle, moller, palla, partilla, ...*
- lli** Resultante do cruzamento de **li** e **ll** é a grafia mista **lli**, ex: *fillio, millio, valliã ...*
- l** Bastante usada em toda a Galiza é a grafia **l** que, juntamente com **ll** perdura até ao século XV. Na parte final do período estudado, a grafia que subsiste para representar a lateral palatal é **ll**. Alguns exemplos: *muler, melor, filo, milo, cõselo, malar, Jemelãte ...*
- lh** Além disso, há outros textos galegos em que aparece, embora de modo pouco frequente, **lh** para representar a lateral palatal.

Nos textos portugueses utilizam-se estas mesmas soluções, mas com frequências diferentes, assi entanto na Galiza acaba-se por impor o dígrafo **ll**, em Portugal o que se impom é o **lh**.

Por outro lado, e para dar umha ideia cabal da caótica ortografia medieval, cumpre assinalar que para a representação da consoante lateral alveolar |l| se utilizárom, tanto na Galiza como em Portugal, os seguintes grafemas: **l**, **ll** e **lh**, este último de forma muito esporádica. Ex. *llogo, aquelles, Villar, Villa Nova, aquelhe, ...*

3.3.2 Representação da nasal palatal, |ɲ|, nos textos medievais galegos

- ni** Por influência da grafia latina, durante o século XIII, o fonema |ɲ| pode aparecer representado por **ni** ou **nj**: *testimoniaj, quiniõ, estrania, testimonjo ...*
- n** Outra grafia registada com bastante frequência nos documentos dos séculos XIII-XIV das quatro províncias galegas²² é **n**. Desde os textos mais antigos, de meados do séc. XIII, que o seu emprego é abundante; relativamente ao século XVI, os documentos apresentam poucos exemplos dessa grafia. Eis alguns exemplos: *Senor, pono, dineyro, tamano, vynas, ponades ...*

²²A autora da *História do Galego-Português*, refere-se as actuais 4 províncias, que lhe servem para classificar os documentos estudados.

- nn, ñ** Outro processo de representar |ɲ| é a grafia **nn** de origem castelhano-leonesa, correspondente ao resultado da evolução da geminada latina **nn**. Embora predominante em documentos castelhanos, ela foi também usada noutras regiões peninsulares. Tanto podia aparecer na sua forma plena como através da abreviatura **ñ**. Nos documentos galegos **nn** não surge com muita frequência: *vinna, vinno, San Martinno*, etc.; é muito mais usada a forma abreviada **ñ**, que ocorre em documentos das quatro províncias galegas entre os séculos XIII e XVI. Alguns exemplos: *miña, Cruña, viña, miña, arameña, teñades, ueña, Jeñor, San Martiño* ...
- ñi** Uma grafia mista, resultado do cruzamento de **ñ** e de **ni**, é **ñi**, que surge em duas formas registadas em documentos galegos do século XIII: *Don Muñio, Toroñio*.
- gn** Igualmente esporádica é a grafia **gn** que recolhi apenas de alguns textos da Galiza do século XIII e princípios de século seguinte: *Crugna, cognoçuda, cognozuda, Lignaref, pignor*.
- ĩ, ÿ** É muito provável que representem igualmente o mesmo fonema os grafemas **y** e **i** com til sobreposto. Encontra-se um número relativamente numeroso de formas tanto nos documentos de Portugal como da Galiza: *eſtraÿa, Mÿor, teſtemoio, teſtemoias, ueia, Vïa Noua*.
- nh** O grafema composto **nh** surge nos documentos portugueses desde 1281²³, sendo muito mais usual nestes que nos textos galegos. Contudo não se pode falar de uma fronteira gráfica entre Portugal e a Galiza²⁴, já que também a norte do Minho, sobre tudo na actual província de Pontevedra, utilizou-se este dígrafo. Exemplos tirados de textos galegos: *Eſteuaynha, vinhas, tenha, Pedro Juuyinho, tenho, minha, vinho, Jobrinho* ...

Nos textos portugueses utilizam-se estas mesmas soluções, mas com frequências diferentes, assi entanto na Galiza acaba-se por impor o **ñ**, em Portugal o que se impom é o **nh**.

Por outro lado é bom sublinhar que para a representação da consoante lateral alveolar |ɲ| se empregárom, tanto na Galiza como em Portugal, os seguintes grafemas: **n**, **nn** e **nh**. Em posição inicial só se utilizava **n**, mas em posição intervocálica usárom-se os três grafemas. O grafema **nn** aparece principalmente em palavras que tinham étimos latinos com **nn**, ex.: *anno, donna, ſinnall*, etc. Por sua vez o dígrafo **nh** aparece de forma muito esporádica.

²³Os dígrafos **nh** e **lh** começam-se a utilizar na Chancelaria Real portuguesa na década de 1260-1270. Os documentos aqui referidos som textos notariais do noroeste de Portugal.

²⁴Como tinham feito autores anteriores ao estudo de Dona Clarinda.

3.4 Conclusões

A vista dos resultados resulta evidente que:

1. A adopção autónoma da letra **ll** para representar o fonema $|\lambda|$
 - (a) em castelhano é a opção mais lógica e altamente provável, já que numha altíssima percentagem das palavras patrimoniais castelhanas com o fonema $|\lambda|$, este provém do grupo latino **ll**.
 - (b) em galego é porém pouco lógica e muito improvável. Já que só numha das palavras patrimoniais galegas recolhidas na lista do apêndice **B**, o fonema $|\lambda|$ provém do grupo latino **ll**. A dita lista permite ver que nom há umha solução autónoma evidente.
 - i. O grupo mais usual, **-cul**, é muito longo para representar um fonema, e ademais a sua utilização daria lugar a necessidade de achar umha outra representação para $|\text{cul}|$ em palavras como: **báculo, círculo, culpa, cultura, ridículo, século, ...**
 - ii. O grupo **-li**, o segundo em frequência semelha mais ajeitado, mais ainda assi daria lugar a necessidade de achar umha outra representação do som $|\text{li}|$ em palavras como: **auxílio, bulia, concílio, engolia, espoliar, exílio, família, liorta, paliar, polias, retaliar, salientar, sandália, valia, ...**
 - iii. O grupo **-gul**, ademais de ser menos frequente tem os mesmos problemas que o grupo **-cul**.
2. A adopção autónoma da letra **ñ**, evolução do dígrafo **nn**, para representar o fonema $|\eta|$
 - (a) em castelhano é a opção mais lógica, se bem nom a única;
 - i. os dígrafos **ne, ni e ng** nom semelham muito ajeitados, pois obrigariam a procurar escritas alternativas para palavras como:
 - A. bufonear, cráneo, devaneo, foráneo, idóneo, línea, Mediterráneo, ...
 - B. alcurnia, almunia, Antonio, demonio, matrimonio, niebla, nieto, nieve, quinientos, siniestro, ...
 - C. angel, engañar, engrosar, evangelio, fingir, luengo, lengua, manga, sangre, vengar, ...
 - ii. o dígrafo **gn** poderia ser umha solução, pois se bem hoje em dia há em castelhano bastantes palavras com o grupo **gn**, som cultismos como: ignoto, ignífugo, insigne, magnético, magnate, etc. que entrárom na língua com posterioridade à escolha do **ñ** para representar o $|\eta|$. Ainda assi há algumas palavras, que mesmo sendo cultismos hoje em dia, já se usavam no momento, ex. digno, magno, maligno, pugnar, signo, ...²⁵.

²⁵Nom tenho informação sobre estas palavras em castelhano, mas em português, segundo o dicionário Houais, tais palavras antes de adoptar a sua feição culta actual, tivérom formas patrimoniais ou semicultas:

- dignus -> s. XIV digno, dino -> digno

Contudo segundo [1] as opções que realmente se utilizárom fôrom **ni**, **nn** e **n**:

Grafias para la palatal sonora η

Las grafias para la palatal nasal sonora η en el siglo XII, son *ni* y, más frecuentemente, *nn*. Durante los primeros años del siglo XIII, se usan la *n* y la *nn*, con dominio abrumador de la *n* en la tercera decena del siglo. A partir de hacia 1233, irrumpe arrolladoramente el empleo de *nn* hasta barrer prácticamente la *n* en la cuarta decena del siglo.

Nom é fácil explicar o uso autónomo do **n** em castelhano para representar o $|\eta|$, já que só em 3 casos (**dominus** -> **dueño**, **inaddere** -> **añadir**, **belenum** -> **beleño**) o $|\eta|$ castelhano provem do **n** latino. Neste caso, si poderia ser possível umha influência galega sobre o castelhano. Em galego é logico o uso do **n** para grafar o $|\eta|$, ademais nessas datas é verosímil umha influência galega, pois os reis²⁶ e as suas cortes ainda falavam galego.

- (b) em galego é praticamente impossível. Só há um termo onde o $|\eta|$ poderia provir do dígrafo latino **nn**, o verbo **gruñir**, mas mesmo neste caso é possível explicar o $|\eta|$ a partir da palatizaçom do grupo **ni** da terceira (e primeira) pessoa de presente de indicativo: **grunnii** (**grunnio**).

Tampouco neste caso há umha soluçom autónoma evidente, já que as possíveis soluções: **n**, **ni**, **ne** e **gn** obrigariam a procurar escritas alternativas para palavras como:

- i. **nabo**, **nascer**, **nada**, **nariz**, **negar**, **nevoa**, **neto**, ...
- ii. **agonia**, **calunia**, **cerimónia**, **cráneo**, **demónio**, **matrimónio**, **puniu**, **uniu**, ...
- iii. **carneiro**, **enganei**, **ensinei**, **governei**, **ornear**, **tornei**, **xaneiro**, ...
- iv. **benigno**, **digno**, **ignoto**, **ignorar**, **maligno**.

Se bem, e como no castelhano, o último dígrafo só se use em cultismos, e portanto poderia se ter usado sem grandes problemas, como de facto se usou no francês. Neste caso poderia-se adoptar qualquer das seguintes estratégias:

- i. escrever os cultismo com **gn**, pronunciando o dito dígrafo como $|\eta|$, como se faz em francês.
- ii. escrever os cultismos com **gn**, mas utilizar distintas pronúncias segundo a palavra for cultismo ou patrimonial, como prescrevem as NOMIG com o **x**.
- iii. simplificar o grupo **gn** nos cultismo, escrevendo e pronunciando **n**.

- magnus -> s. XIV manho, magno -> magno
- malignus -> s. XIV malínos, mallinos, malignos, maglinos; s. XV malino -> maligno
- pugnare -> x. XIII punna, ponnarei; s. XIV puñauam; s. XV. pagnar, punar -> pagnar
- signum -> 1260 signo; s. XIV ssino, syno; s.XV segno, ssino -> signo

²⁶Afonso IX e o seu filho Fernando III

4 Observações finais

Som ciente dalgumas deficiências deste estudo, nomeadamente de três:

1. nom tem em conta a frequência de apariçom. As palavras alistadas nos apêndices apareciam com frequências muito diferentes nos manuscritos medievais, assi termos como *muller* ou *miña* apareciam com muita maior frequência que *cernella* ou *gruñir*. Sendo evidente que as palavras mais frequentes influírom mais nas soluções escolhidas polos escrivaos que os termos mais raros.
2. apenas se tem em conta algum topónimo e nengum antropónimo. Porém nos manuscritos medievais topónimos como *Castella*, *Villanueva* ou *Peña* e antropónimos como *Padilla*, *Mariño* ou *Martiño* apareciam frequentemente, se bem muitos deles som derivados das palavras raizes consideradas.
3. se bem na baixa idade média o latim era a língua de cultura a nível europeu, na prática havia numerosas diferenças com o latim clássico e entre os diferentes latins regionais, tanto no léxico utilizado como na ortografia [19]. Dos dicionários que utilizei para o estudo, só o Houaiss faz referência às diferenças entre o latim clássico, o vulgar e o medieval, mas isto nom significa que os outros dicionário nom tiveram em conta tais diferenças.

Contudo dada a contundência dos resultados obtidos, acho que ter em conta os pontos anteriores nom vai modificar as conclusões.

Cumpre acrescentar que mesmo as NOMIG, a única referência que achei que pudera apoiar umha origem ibérica ou galega de *ll* e *ñ*, nom afirmam tal cousa. Nas ditas normas fala-se unicamente do galego, sem mencionar o castelhano, o que pode dar lugar a que leitores pouco avisados cheguem à conclusom que nom houve influxo castelhano no galego. Agora bem, na discussom sobre estes grafemas, secçom 1.5, diz-se:

... nos documentos medievais galegos, que a partir do século XIV, tenden a especializar *l* e *n* para os fonemas alveolares e *ll* e *nn* (ou a súa forma abreviada *ñ*) para os fonemas palatais.

Como se viu anteriormente no castelhano tal especializaçom deu-se na primeira metade do século XIII, como no século XIV o reino de Galiza tinha reis castelhanos, que falavam castelhano, e com os que se tinha que relacionar em castelhano, nom é estranho que os escrivaos galegos adoptaram a moda castelhana de grafar os fonemas palatais, mais tendo em conta que nom havia umha soluçom autónoma clara.

Agradecimentos. Agradeço a Júlio Dieguez Gonzalez polas esclarecedoras discussões.

Referências

- [1] Timoteo Riaño Rodríguez e M^a del Carmen Gutiérrez Aja, *El cantar de mio Cid, El manuscrito del cantar*. <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/77148932130668609287657/010379.pdf>.
- [2] Real Academia Española, Ortografía de la lengua española. [http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/\(voanexos\)/arch9E7D58ED6C5CBB54C1256E670038B91C/\\$FILE/Ortografia.pdf](http://www.rae.es/rae/gestores/gespub000001.nsf/(voanexos)/arch9E7D58ED6C5CBB54C1256E670038B91C/$FILE/Ortografia.pdf)
- [3] Camilo Nogueira, "Para unha crítica do castelanismo", Grial 134.
- [4] Menendez Pidal, *Orígenes del español: estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, Madrid, Espasa-Calpe, 1986, 10^a edição.
- [5] Rafael Lapesa, *Historia de la lengua española*, Madrid, ed. Gredos, 1991, 9^a edição.
- [6] Rafael Cano Aguilar (coord.), *Historia de la lengua española*, Barcelona, ed. Ariel, 2005, 2^a edição.
- [7] *Normas Ortográficas e Morfológicas do Idioma Galego*, d'O Instituto Galego da Língua e da Real Academia Galega. Parte da 1^a edição das NOMIG, do ano 1982, pode-se consultar no seguinte endereço: <http://membros.lycos.fr/questione/documentos/normas82/indice.html>.
- [8] Foro de Castro Caldelas transcrito por Henrique Monteagudo em 2005. http://www.consellodacultura.org/mediateca/pubs.pdf/doc_en_galego.pdf
- [9] Foro de Castro Caldelas publicado no *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense* em 1909. http://www.agal-gz.org/pdf/bcpm_ourense_3_71.pdf
- [10] Facsimile do Foro de Castro Caldelas. http://www.agal-gz.org/pdf/foro_burgo.pdf.
- [11] Estudo crítico das *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*, da Associação Galega da Língua. Pode-se consultar parcialmente em <http://membros.lycos.fr/questione/documentos/estudo83/indice.html>.
- [12] António Emiliano, Critérios para a realização de edições interpretativas de fontes medievais para a história da língua portuguesa, (2002). http://www.fcsh.unl.pt/philologia/edicoes_interpr1.1.pdf
- [13] Per Abbat, *Cantar de myo Cid*. <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/cid/80283852878795052754491/index.htm>
- [14] Real Academia Española. <http://www.rae.es>
- [15] I.A. Estraviz, Dicionário da língua galega. <http://www.agal-gz.org/estraviz>.

- [16] Dicionário da língua portuguesa on-line da Priberam. <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>
- [17] Instituto Antônio Houaiss, *Dicionário eletrônico Houaiss da língua Portuguesa*. (Versão 1.0, Dezembro de 2001).
- [18] Clarinda de Azevedo Maia, *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. (Reimpressão da edição do INIC de 1986).
- [19] Dar Norberg, Manuel pratique de latin. http://www.orbilat.com/Languages/Latin_Medieval/Dag_Norberg/index.html

Apêndices

A Origem do ll em castelhano

A seguir alístan-se as palabras castelhanas derivadas directamente do latim. Ademais incluí-se a forma latina da que procedem, e a forma galega correspondente, se houver. Quando non há forma galega directamente derivada da mesma raíz latina ponho entre parênteses a traduçom usual do termo castelhano. Às vezes existe forma galega derivada da raíz latina, mas resulta pouco usual, ou non tem o mesmo significado que o termo castelhano, neste caso adiciona-se entre parênteses a traduçom usual do termo castelhano.

	Castelhano	Latim	Galego
ll -> ll			
1	abubilla	upupella	bubela
2	acribillar	cribellare	crivar
3	agalla	galla	(carrabouxo)
4	allá	illac	alá
5	allende	illinc	alén
6	amarillo	amarellus	amarelo
7	ampolla	ampulla	ampola/empola
8	angarilla	angariellae	angarela (padiola)
9	anillo	anellus	anel
10	apellidar	appellitare	apelidar
11	arcilla	argilla	arxila
12	astilla	astella	estela (lasca)
13	avellana	abellana	avelá
14	bacillo	bacillum	bacelo
15	ballena	ballaena	balea
16	ballesta	ballista	besta
17	bello	bellus	belo
18	bolla	bullia	bola
19	bullir	bullire	bulir
20	caballo	caballus	cabalo
21	cabello	capillus	cabelo
22	cadillo	catellus	cadelo
23	calle	callis	(rua)
24	callo	callum	calo
25	canilla	cannella	canela
26	capilla	cappella	capela
27	capillo	cappellus	(distintos tipos de capuchas)

	Castelhano	Latim	Galego
28	caramillo	calamellus	charamela ²⁷
29	castillo	castellum	castelo
30	caudillo	capitellus	caudillo ²⁸
31	cebolla	cepulla	cebola
32	centella	scintilla	cintila(lóstrego)
33	cillero	cellarius	celeiro
34	cogollo	cucullus	(corazón, grelo, miolo)
35	collado	collis	outeiro
36	collar	collare	colar
37	collazo	collacteus	colazo(irmán de leite)
38	colmillo	columella	(dente canino)
39	cuchillo	cultellus	cuitelo
40	cuello	collum	colo
41	dentellar	dentellus	(bater os dentes)
42	desollar	exfoliare	esfolar
43	destellar	destillare	(escintilar)
44	doncella	domnicella	doncela
45	ella	illa	ela
46	empeller	impellere	impelir (empurrar)
47	escudilla	scutella	escudela
48	estrella	stella	estrela
49	fallecer	fallescere	falecer
50	fuelle	follis	fol/fole
51	gallego	gallaicus	galego
52	gallo	gallus	galo
53	gallón	galleus	(torrón con ervas)
54	garbillo	cribellum	(peneira)
55	gavilla	cavella	gabela
56	grillo	gryllus	grilo
57	grulla	gruilla	grou
58	hollar	fullare	(pisar)
59	hollín	fulligo	fulixe
60	martillo	martellus	martelo
61	mejilla	maxilla	meixela
62	mellar	gemellare	melar (fanar, marcar)
63	mellizo	gemellicius	(xemelgo)
64	meollo	medullum	miolo
65	muelle	mollis	mol
66	novillo	novellus	(xato)

²⁷fruta de cana

²⁸Castelanismo

	Castelhano	Latim	Galego
67	olla	olla	ola
68	orilla	orella	ourela(beira)
69	ovillo	globellus	novelo
70	pellejo	pellicula	pelello
71	pellica	pellis	pelica
72	pelliza	pellicia	peliza
73	pellizcar	velliciare	beliscar
74	pestillo	pestellum	pestilo (fecho)
75	polilla	papiella	polela (traza)
76	pollo	pullu	polo
77	postilla	pustella	bostela
78	querella	querella	querela
79	rallo	rallum	ralador
80	rastrillo	rastellus	rastrelo (engazo)
81	repollar	repulluare	repolar
82	rodilla	rotella	(xoello)
83	sello	sigillum	selo
84	sencillo	singellus	sinxelo
85	silla	sella	(cadeira)
86	tabellar	tabella	tabelar
87	tarabilla	tremella	taramela
88	tullir	tollere	toller
89	vasilla/vajilla	vascella	baixela
90	valla	valla	vala (valado)
91	valle	vallis	vale/val
92	vasallo	vassallus	vasalo
93	vello	villus	(pelo)
94	velludo	villuto	veludo
95	villa	villa	vila

pl -> ll

1	llaga	plaga	chaga
2	llano	planus	chan
3	llanto	planctus	pranto
4	llegar	plicare	chegar
5	lleno	plenus	cheo
6	llorar	plorare	chorar
7	llover	plovere	chover

	Castelhano	Latim	Galego
li -> ll			
1	falla	falla/fallia ²⁹	falla
2	humillar	humiliare	humillar
3	maravilla	mirabilia	marabilla
4	milla	milia	milla
5	millar	miliare	millar
6	perifollo	caerefolium	cerefollo
7	tallar	taliare	tallar
cl, fl -> ll			
1	chillar	cisclare	(berrar)
2	llamar	clamare	chamar
3	llave	clavis	chave
4	hallar	afflare	achar
5	llama	flama	chama
outros			
1	auillar	ululare	ouvear
2	callar	chalare	calar
3	camello	camelus	camelo
4	capullo	cappuculu	capullo
5	escabullir	excapulare	escapulir
6	llevar	levare	levar
7	membrillo	melimelum	marmelo
8	murmullo	murmurium	murmurio
9	peña	pilula/pilla ³⁰	pela
10	rollo	rotulus	rolo
11	sollozo	suggluttium	salouco
12	tralla	tragula	tralla
13	trillar	tribulare	trillar (debullar)

llo, illa. Sufixo com valor diminutivo ou afectivo. Procede usualmente do latim **-ellus/-ella**

²⁹No dic. RAE di **falla**, no Priveram e no Houaiss **fallia**

³⁰No dic RAE di **pilula**, no Houaiss **pilla**

B Origem do ll em galego

A seguir alistam-se as palabras galegas derivadas directamente do latim. Ademais incluí-se a forma latina da que procedem, e a forma castelhana correspondente, se houber. Quando nom há forma castelhana directamente derivada da mesma raiz latina ponho entre parênteses a traduçom usual do termo galego. Às vezes existe forma castelhana derivada da raiz latina, mas resulta pouco usual, ou nom tem o mesmo significado que o termo galego, neste caso adiciona-se entre parênteses a traduçom usual do termo galego.

	Galego	Latim	Castelhana
cul -> ll			
1	abella	apicula	abeja
2	abrollo	aperi oculos	abrojo
3	acubillo	cubiculum	cobijo
4	aguillón	aculeone	aguijón
5	agulla	acucula	aguja
6	antollo	ante oculum	antojo
7	aparello	appariculu	aparejo
8	artello	articulu	(artículión)
9	bandullo	pantuculu	bandullo
10	carallo	caraculu	carajo
11	capullo	cappuculu	capullo
12	cernella	cerniculum	cerneja
13	cerralleiro	serraculum	cerrajero
14	chavella	clavicula	clavija
15	coello	cuniculus	conejo
16	cortello	cohorticulu	(pocilga)
17	espello	speculum	espejo
18	fagulla	facucula	(chispa)
19	fedello	feticulo	(crio)
20	ferrollo	veruculum	cerrojo
21	fornalla	fornacula	(horno, lugar caliente)
22	gralla	gracula	grajo
23	grella	craticula	(parrilla)
24	guedella	viticula	guedeja
25	lentella	lenticula	lenteja
26	mollo	manuculu	manejo
27	navalla	novacula	navaja
28	ollo	oculus	ojo
29	orella	auricula	oreja
30	ovella	ovicula	oveja
31	parella	pariculus	pareja
32	partilla	particula	partija

	Galego	Latim	Castelhana
33	pelello	pellicula	pellejo
34	piollo	peduculus	piojo
35	quella	canalícula	(canal, callejón)
36	rastrollo	restuculu	rastrojo
37	sarabullo	serpuculus	(sarpullido)
38	sarillo	sericulum	(lío)
39	soalla	sonacula	sonaja
40	sortella	sorticula	sortija
41	vascullar	vasculeare	(barrer, escudriñar)
42	vencello	vinciculum	vencejo
43	vermello	vermiculus	bermejo
44	xoello	genuculum	hinojo
	gul -> ll		
1	coallar	coagulare	cuajar
2	rallar	ragulare	(reprender)
3	rella	regula	reja
4	rillar	ringulare	(roer)
5	senlleiro	singulariu	(solitario, singular)
6	tella	tegula	teja
7	tralla	tragula	tralla
	li -> ll		
1	agasallar	ad-gasaliare ³¹	agasajar
2	alleo	alienus	ajeno
3	allo	alium	ajo
4	almallo	animaliu	(novillo)
5	baralla	baralia	baraja
6	batalla	battalia ³²	batalla
7	calla	canalia	canal
8	cascallo	quisquilia	cascajo
9	cella	cilia	ceja
10	cerefollo	caerefolium	perifollo
11	concello	concilium	concejo
12	consello	consilium	consejo
13	debullar	despoliare	(trillar, desgranar)
14	encrucillada	incruciliata	encrucijada
15	ervilla	ervilia	arvejo (guisante)
16	evanxello	evangeliu	evangelio

³¹(Priveram: gasalja (gótico) -> gasaliare (latim), RAE: directamente do gótico)

³²(No RAE considera-o galicismo, o Houais considera o latim medieval battalia)

	Galego	Latim	Castelhana
17	fillo	filius	hijo
18	folla	folia	hoja
19	gorgullo	gurgulium	gorgojo
20	humillar	humiliare	humillar
21	marabilla	mirabilia	maravilla
22	mellor	melior	mejor
23	mergullar	merguliare	(sumergir)
24	milla	milia	milla
25	millar	miliare	millar
26	millo	milium	mijo (maiz) ³³
27	mortalla	mortalia	mortaja
28	muller	mulier	mujer
29	orvallo	roraliu	(rocio, orvallo)
30	pillar	piliare	pillar
31	semellar	similiare	semejar
32	tallar	taliare	tajar (tallar)
33	traballar	tripaliare	trabajar
34	tulla	tulia	(granero)
35	vasilla	vasilia	vasija
36	virilla	virilia	vedija (pubis)
37	xullo	iulius	julio
lli -> ll			
1	borbullar	bulbuliare	(burbujear)
2	coller	colligere	coger
3	mexillón	muscellione	mejillón
4	mollar	molliare	mojar
le -> ll			
1	collón	coleo	cojón
2	migalla	micalea	migaja
3	palla	palea	paja
4	solla	solea	(platija)
lle -> ll			
1	galla	gallea	gajo
2	mallar	malleare	majar
ll -> ll			
1	toller	tollere	tullir

³³ millo = maiz, mijo = millo miudo

	Galego	Latim	Castelhana
outros			
1	embrullar	involucrare	(envolver)
2	escarabello	scarabaius	escarabajo
3	illa	insula	isla
4	soallo	solu	(suelo de madera)
5	trebellar	tripudiare	trebejar
6	trillar	tribulare	trillar
7	vello	vetulus	viejo

C Origem do ñ em castelhanao

A seguir alistam-se as palabras castelhanas derivadas directamente do latim. Ademais inclui-se a forma latina da que procedem, e a forma galega correspondente, se houver. Quando nom há forma galega directamente derivada da mesma raiz latina ponho entre parênteses a traduçom usual do termo castelhanao. Às vezes existe forma galega derivada da raiz latina, mas resulta pouco usual, ou nom tem o mesmo significado que o termo castelhanao, neste caso adiciona-se entre parênteses a traduçom usual do termo castelhanao.

	Castelhanao	Latim	Galego
nn -> ñ			
1	añal	annualis	anual
2	añejo	anniculus	anello ³⁴
3	año	annus	ano
4	cabaña	capanna	cabana
5	caña	canna	cana
6	cañamo	cannabis	cánabo
7	cañedo	cannetum	canaval
8	cañizo	cannicius	canizo
9	ceño	cinnus	ceño ³⁵
10	coño	cunnus	cona
11	engañar	ingannare	enganar
12	gañir	gannire	ganir
13	gruñir	grunnire	gruñir
14	ñoño	nonnus	(parvo)
15	pañó	pannus	pano
16	peña	pinna	pena
17	saña	sanna/sania ³⁶	saña
mn -> ñ			
1	cureña ³⁷	columna	coluna
2	daño	damnum	dano
3	escaño	scamnum	escano
4	otoño	autumnus	outono
5	sueño	somnus	sono

³⁴de 1 ano

³⁵castelanismo

³⁶No RAE di sanna, mas no Priberam di sania.

³⁷Em castelhanao a forma mais usual hoje em dia é columna, que é um cultismo, mas a forma patrimonial é cureña.

	Castelhano	Latim	Galego
ng -> ñ			
1	atañer	attingere	atinxir
2	ceñir	cingere	cinxir
3	costreñir	constringere	constrixir
4	esmuñir	exmungere	(ordenar pólas)
5	estreñir	stringere	estrinxir
6	heñir	ingere ³⁸	(amasar)
7	juñir	iungere	xunguir
8	plañir	plangere	planxer
9	reñir	ringere	reñir
10	teñir	tingere	tinxir
ne -> ñ			
1	aledaño	adlataneus	(lindante)
2	araña	aranea	araña
3	bañar	balneare	bañar
4	bruño	pruneum	abruño
5	calcañar	calcaneum	calcañar
6	campaña	campanea	campaña
7	castaña	castanea	castaña
8	cuño	cuneus	cuño
9	entraña	interanea	entraña
10	estameña	staminea	estameña
11	extraño	extraneus	estraño
12	mañana	maneana	mañán
13	montaña	montanea	montaña
14	patraña	pastoranea	(trola)
15	piña	pinea	piña
16	ponzoña	potionea	pezoña
17	tiña	tinea	tiña
18	viña	vinea	viña
ni -> ñ			
1	armiño	armenius	armiño
2	Bretaña	Britannia	Bretaña
3	cigüeña	ciconia	cigoña
4	cizaña	zizania	cizania (xoio)
5	compaña	compania	compaña
6	domeñar	dominiare	(dominar)
7	escriño	scrinium	escriño

³⁸Do latim *ingere* segue-se também o galego (e castelhano) *finxir* (fingir)

	Castelhano	Latim	Galego
8	escrutinador	scrutinium	escrutinador
9	escudriñar	scrutiniare	escudriñar
10	España	Hispania	España
11	greña	grennio	greña
12	lañar	laniare	lañar
13	maña	mania	maña
14	ordeñar	ordiniare	munxir
15	quiñón	quinio	quiñón
16	señor	senior	señor
17	sueño	somniu	soño
gn -> ñ			
1	desdeñar	disdignare	desdeñar
2	diseñar	designare	deseñar
3	empeño	in pignus	empeño
4	empreñar	impraegnare	empreñar
5	enseñar	insignare	ensinar
6	estaño	stagnum	estaño
7	leña	ligna	leña
8	puño	pugnus	puño
9	reseñar	resignare	reseñar
10	seña	signa	seña
11	señal	signalis	sinal
12	tamaño	tam magnu	tamaño
outros			
1	alimaña	animalia	alimária
2	añadir	inaddere	engadir
3	beleño	venenum	(meimendro)
4	boñiga	bovinica	(bosta)
5	braña	vorago	braña
6	dueño	dominus	dono
7	muñir	monere	(amañar)
8	riñón	renes	ril/rin
9	roña	aerugo/ronia ³⁹	roña
10	uña	ungula	uña

³⁹No RAE di aerugo, mas no Priberam di ronia.

D Origem do ñ em galego

Em seguida alistam-se as palabras galegas derivadas directamente do latim. Ademais inclúese a forma latina da que procedem, e a forma castelhana correspondente, se houber. Quando non há forma castelhana directamente derivada da mesma raíz latina ponho entre parenteses a tradución usual do termo galego. Às veces existe forma castelhana derivada da raíz latina, mas resulta pouco usual, ou non tem o mesmo significado que o termo galego, neste caso adiciona-se entre parenteses a tradución usual do termo galego.

	Galego	Latim	Castelhana
n -> ñ			
1	aciña	ilicina	(bellota de encina)
2	adiviño	addivino	adivino
3	anciño	uncinus	(rastrillo)
4	anduriña	andorine ⁴⁰	(golondrina)
5	axiña	agina	ahína (rápido)
6	baiña	vagina	vaina
7	camiño	camminus	camino
8	cerquiño	quercinu	roble ⁴¹
9	cociña	cocina	cocina
10	diñeiro	dinarius	dinero
11	espiña	spina	espina
12	estorniño	sturninus	estornino
13	fariña	farina	harina
14	galiña	gallina	gallina
15	liño	linum	lino
16	madríña	matrina	madrina
17	mariña	marina	marina
18	meiriño	majorinus	merino
19	meimiño	miniminu	(meñique)
20	menciña	medicina	medicina
21	muiño	molinum	molino
22	padriño	patrinus	padrino
23	pergamiño	pergaminum	pergamino
24	raiña	regina	reina
25	sardiña	sardina	sardina
26	touciño	tuccinum	tocino
27	viciño	vicinus	vecino
28	viño	vinum	vino

⁴⁰lat.vulg. *harundo, ñis* por *hirundo, ñis*, donde, por metat. e expansom da nasal, *andorine* que por mudançã da vocal temática gera *andorina*, donde procede *anduriña*.

⁴¹quercus tozza

	Galego	Latim	Castelhano
ni -> ñ			
1	armiño	armenius	armiño
2	cigoña	ciconia	cigüeña
3	compaña	compania	compaña
4	comuñón	communio	comunión
5	engueño	ingenium	ingenio
6	escriño	scrinium	escriño
7	escudriñar	scrutiniare	escudriñar
8	españa	hispania	españa
9	ladaña	litania	letania
10	lañar	laniare	lañar
11	maña	mania	maña
12	Miño	Minius	Miño
13	quiñón	quinio	quiñón
14	saña	sania/sanna	saña
15	señor	senior	señor
16	soño	somniu	sueño
17	testemuñar	testimoniare	testimoniar
18	xuño	junius	junio
nni -> ñ			
1	Breña	Britannia	Breña
2	greña	grennio	greña
3	gruñir	grunnire ⁴²	gruñir
ne -> ñ			
1	abruño	pruneum	bruño
2	araña	aranea	araña
3	bañar	balneare	bañar
4	calcañar	calcaneum	calcañar
5	campaña	campanea	campaña
6	castaña	castanea	castaña
7	cuño	cuneus	cuño
8	entraña	interanea	entraña
9	estameña	staminea	estameña
10	extraño	extraneus	estraño
11	liña	linea	línea
12	mañán	maneana	mañana
13	montaña	montanea	montaña
14	pezoña	potionea	ponzoña

⁴²lat. grunnio, is, ívi ou ñi, ítum, íre gruñir (o porco)'; f.hist. sXIV grunir, sXV grunhir

	Galego	Latim	Castelhano
15	piña	pinea	piña
16	roña	ronea	roña
17	tiña	tinea	tiña
18	viña	vinea	viña
gn -> ñ			
1	año	agnus	(cordero)
2	coñecer	cognoscere	conocer
3	desdeñar	disdignare	desdeñar
4	deseñar	designare	diseñar
5	empeño	in pignus	empeño
6	empreñar	impraegnare	empreñar
7	estaño	stagnum	estaño
8	leña	ligna	leña
9	puño	pugnus	puño
10	reseñar	resignare	reseñar
11	seña	signa	seña
12	tamaño	tam magnu	tamaño
Outros			
1	braña	vorago	braña
2	miña	mea	mi, mia
3	niño	nidus	nido
4	quiñentos	quingenti	quinientos
5	uña	ungula	uña
6	vergoña	verecundia	verguenza

E Que dizem as NOMIGA ILG-RAG

1.5. As grafías ll e ñ

As consoantes palatais |ʎ| e |ɲ| represéntanse, respectivamente, por *ll* e *ñ*.

Tendo en conta que a grafía románica se forma a partir da latina e que moitas palabras románicas son de etimoloxía latina transparente, os escribas medievais, alfabetizados en latín, adoptaban as letras do alfabeto romano para a representación dos sonidos románicos correspondentes ós latinos. Pero as consoantes palatais presentan un problema especial, porque o latín, mesmo o latín medieval, as ignoraba e as que xorden nas linguas románicas teñen, en xeral, orixe múltiple. Isto é o que sucede co |ʎ| e co |ɲ|. O |ʎ| galego resulta da palatalización de L nos seguintes grupos latinos: LI (FILIIUM > *fillo*), LLI (ALLIUM > *allo*), LLE (MALLEUM > *mallo*), e tamén dos grupos romances C'L, G'L e B'L (OCULUM > *ollo*, TEGULAM > *tella*, TRIBULUM > *trillo*). O |ɲ| procede da palatalización de N nos seguintes grupos: NI (SENIOREM > *señor*), NE (VINEAM > *viña*), MNI (SOMNIARE > *soñar*), LNE (BALNEUM > *baño*); tamén acaba reaparecendo como |ɲ| nas secuencias -INU, -INA > *-iño*, *-iña* (VINUM > *viño*, GALLINAM > *galiña*). Isto é o que provoca na scripta arcaica (latinizante) certa vacilación de letras: *l*, *li*, *ll* para |ʎ| (*filo*, *filio*, *fillo*) e *n*, *nn*, *ñ*, *ni*, *nni* para |ɲ| (*senor*, *sennor*, etc.). Aínda así, esta vacilación sería tolerable se non houberse tamén fonemas non palatais que precisasen daquelas letras; pero estes fonemas tamén os había; eran o |l| explosivo, procedente de LL, e o |n| explosivo, procedente de NN, que se representaban tamén por *l* e por *n* (*colo*, *pano*) ou, conforme á etimoloxía, por *ll* e por *nn* (*collo*, *panno*). Había ademais as secuencias [li] e [ni], romances ou en cultismos, ortografiadas normalmente como *li* e *ni* (*valia*, *folia*, *capelania*, *animalia*, *armenio*); e había tamén [ʎi] e [ɲi], ortografiados, normalmente, *li* ou *lli*, *ni* ou *nni* (*collia*, *grunnia*).

Esta scripta na que non se fai discriminación gráfica entre |l| e |ʎ| nin entre |n| e |ɲ|, baseada na etimoloxía (con abundancia de solucións ultracorrectas), dura en territorio galego ata o século XIV. Isto significa que as grafías *l* ~ *ll* e *n* ~ *nn* tanto podían representar un sonido alveolar (*coitello* ~ *coitelo*, *castello* ~ *castelo*, *color* ~ *collor*, *falar* ~ *fallar*, *anno* ~ *año* ~ *ano*, *donna* ~ *doña* ~ *dona*, *enganno* ~ *engaño* ~ *engano*) coma palatal (*filo* ~ *fillo*, *batala* ~ *batalla*, *conselo* ~ *consello*, *sana* ~ *sanna* ~ *saña*, *senor* ~ *sennor* ~ *señor*). En territorio portugués sucedía o mesmo, pero aquí empezou a usarse desde o reinado de Afonso III (1248-1279) *lh* e *nh* (tomadas da *Lingua de oc*), co valor específico de |ʎ| e |ɲ|; desta maneira quedaban reservados *l* e *n* (ou mesmo *ll* e *nn*) para |l| e |n|. Esta reforma ortográfica debida a Afonso III de Portugal é case descoñecida nos documentos medievais galegos, que a partir do século XIV, tenden a especializar *l* e *n* para os fonemas alveolares e *ll* e *nn* (ou a súa forma abreviada *ñ*) para os fonemas palatais. Xa queda advertido que *ll* e *nn* eran meros grafemas sin máis motivación cá etimolóxica (e non sempre, porque había moitas palabras que se grafiaban con *ll* e *nn* de modo ultracorrecto); deste modo quedaban disponibles para seren utilizados co valor especializado de |ʎ| e |ɲ|. Estas grafías foron as utilizadas na tradición escrita galega ata hoxe.

Un caso paralelo ó do galego para a representación do |ʎ| é o do francés, aínda que nesta lingua acabou triunfando a grafía *ill* (*conseiller*); con todo, hai *ll* tras *i fille*).

F Que diz o Estudo crítico:

1.5 Os usos dos dígrafos "ELE AGA" (LH) e "ENE AGA" (NH)

Para consagrar as grafias castelhano-leonesas *ll* e *ñ* para as consoantes palatais, lateral e nasal respectivamente, desenvolve-se umha longa explicaçom co propósito apriorístico de sugerir, entre linhas, que *ll* e *nn* latinas estám tamém na base evolutiva destes sons em galego-português, o que é obviamente falso, pois nos casos que se apontam de *lli*, *nni*, o elemento gerador da palatalidade é o iode e nom a consoante geminada –co cal se tentaria justificar o emprego «espontâneo» destes dígrafos entre nós com valor de consoantes palatais, e a sua total legitimizaçom nos momentos actuais–. A explicaçom dada, por vezes um tanto embaralhada, pode valer para o espanhol, mais nom para o galego-português, para o cal recomendamos decididamente *lh* e *nh* polas seguintes razons, entre outras:

1. Dos grupos latinos *ll*, *nn* nunca temos na nossa língua resultado palatal, o que si acontece em espanhol (*caballu* > gal.-port. *cavalo*, cast. ant. *cavallo*; *canna* > gal.-port. *cana*, cast. ant. *canna* ou *caña*). Nesta língua era lógico e legítimo manter as grafias latinas agora habilitadas para os novos valores fonéticos, nom assi entre nós.
2. Em conseqüência, calquer outra combinaçom gráfica, calquer outro dígrafo se esperaria entre nós (*li*, *ni*, por ex.: *filia* > *filha*, *seniore* > *senhor*...) menos *ll*, *nn* (despois simplificando em *ñ*), polos motivos sinalados.

Conteúdo

1	Introdução	1
2	Tese tradicional	3
2.1	Representação do fonema ʎ em castelhano	3
2.2	Representação do fonema ɲ em castelhano	4
3	Pesquisando nas origens	4
3.1	Metodologia	5
3.2	Os meus resultados	6
3.2.1	A consoante lateral palatal em castelhano	6
3.2.2	A consoante lateral palatal em galego	7
3.2.3	A consoante nasal palatal em castelhano	8
3.2.4	A consoante nasal palatal em galego	9
3.3	Os textos galegos medievais	9
3.3.1	Representação da lateral palatal, ʎ , nos textos medievais galegos. . .	10
3.3.2	Representação da nasal palatal, ɲ , nos textos medievais galegos . . .	10
3.4	Conclusões	12
4	Observações finais	14
	Apêndices	17
A	Origem do ll em castelhano	17
B	Origem do ll em galego	21
C	Origem do ñ em castelhano	25
D	Origem do ñ em galego	28
E	Que dizem as NOMIGA ILG-RAG	31
F	Que diz o Estudo crítico:	32